

PONTO DE FUGA

Acidente poético

Tá lá o poeta estendido no chão
sem carteira assinada, sem plano de saúde
atropelado por um ônibus que não parou
Não parou para a poesia passar
voou livro para todo lado
quebrou o sonho em sete partes
as vísceras de seu discurso estão à mostra
Já aglomeram muitos curiosos
Tem gente filmando no celular
Chama o Samu, 190
Parou o trânsito vira o caos
Parece que o cara tá mal
O poeta caído no chão
ninguém chega para ajudar
do seu bolso um poema novo escorre
incompleto como aqueles ali olhando para ele
Tá sangrando poesia para todo lado
a polícia chega com a sirene a toda
a turba aproveita para gritar
Uma senhora começa a chorar
não é a mãe mas é a única a acudir
ajoelha nas páginas dos livros
e abraça o poeta destroçado
O poeta ali morre não morre
mas a poesia era aquela mulher
corajosa com um amor na mão
viu que o homem ali caído
podia ser um filho dela
filho que ela nunca tivera
mas na EJA, depois do trabalho
descobriu na leitura um novo processo
onde tudo que sonha é possível
E os homens do Samu vinham com a maca
enquanto a polícia cercava o local
os celulares registravam tudo
Corre aí, dá oxigênio para o poeta
que ele pode sobreviver
vamos levar para o Pronto-Socorro
que gente assim merece viver
merece viver

Marcha da Paixão

Nossos versos avançam na Marcha da Paixão
sem medida
fecundados do futuro da nação
Nossos versos carregam o espírito da liberdade
e seguem a vida
lutando por emancipação
Nossos versos avançam na Marcha da Paixão
e ocupam a avenida
passos decididos na ação
Nossos versos carregam o espírito da liberdade
da causa oprimida
e da graça convicta da paixão,
Mais amor, mais desejo
mais tesão
são muitas as pautas entre a multidão
Venha participar
ser amado e amar
Junte-se a nós nessa luta por finais felizes
e por menos cicatrizes no coração

Nossa manifestação é pacífica
e amorosa
dos partidários por menos corações partidos
Nosso percurso é o trajeto do afeto
luta vagarosa
voto não vencido
de quem luta pelo certo

Alguma resistência vamos enfrentar
a polícia vai querer dar porrada
os pastores vão tentar criminalizar
Sem querer desanimar
a hora é legítima e na caminhada
o povo vai nos apoiar

Pelas reformas
mais amor, mais desejo
mais tesão
erga sua bandeira
exerça seu direito cidadão
junte-se a nós na Marcha da Paixão

Subcelebridades

Os dez primeiros lugares na lista de
best-sellers estão ocupados por subcelebridades
Quem bomba no iBope das TVs são falsos ídolos
conhecidos como subcelebridades
Na política dos ladrões quem comanda e obstrui a
pauta são salafários tipo
subcelebridades
e até quem tinha que preservar a honra e a integridade
em nome da história se fica fazendo de subcelebridade
Os sindicatos não mobilizam mais porque estão sendo
conduzidos por espertalhões do tipo subcelebridades
A pátria educadora não investe corretamente em
educação, imagina o arraso provocado nas escolas pelas
subcelebridades
O futebol está cheio de jogadores e dirigentes que
esqueceram a paixão para virar
subcelebridades
Pra todo lado que eu olho e até para arrumar
namorado tem gente posando de
subcelebridade

Lá vêm os reis e as rainhas dos camarotes!!!
E o Brasil, de país do futuro, de ex-país do presente,
como nos vendem, vai apodrecendo por dentro de
subcelebridades
O câncer é um pedágio que o deus pobre cobra das
ferraris karmicas
O bullying é a seleção natural da perversidade
O dinheiro é uma pá de cal nos sonhos das crianças
faveladas
Os ricos estão cagando e andando na cabeça do povo
Os ratos e as baratas estão olhando tudo e esperando a
hora
A decadência da humanidade é um tempo ruim para
todos

Enquanto isso eu faço uma selfie na esperança de virar
subcelebridade

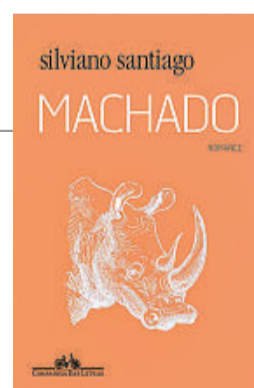


Wagner Merije

Poeta, escritor, jornalista, curador, gestor cultural e compositor nascido em Belo Horizonte. Formado em jornalismo na PUC-MG, trabalhou para jornais, revistas, TVs e rádios no Brasil e no exterior. Tem trabalhos lançados no Brasil e no exterior (músicas, filmes, séries e programas de TV). Foi curador do Sarau do Memorial MG, (BH, 2013 a 2015), criou e coordena o projeto MVMob – Minha Vida Mobile. Recebeu vários prêmios, de música, teatro e inovação artística. Publicou *Cidade em transe* (2015), *Viagem a Minas Gerais* (2013), *Torpedos* (2012), *Mobimento – Educação e comunicação mobile* (2012), *Turnê do encantamento* (2009) e tem dois livros no prelo. Com exceção de *Acidente poético* (2013), os poemas publicados pelo *Pensar* são do inédito *Dei meu nome ao impossível e outros poemas em voz alta*, que interpreta na próxima quarta-feira, às 19h30, no Sesc Palladium, como parte do projeto Digas! Poesia falada, que também apresenta poemas musicados e canções com Tâmara David e Matheus Nascimento. A partir de terça-feira, ministra a oficina Torpedos – Literatura na ponta dos dedos, no Sesc Palladium, voltada à produção de conteúdo criativo para celulares. Todas as atividades são gratuitas.

RESENHA

MACHADO ●
De Silvano Santiago ●
Companhia das Letras ●
424 páginas ●
R\$ 69,90



O mímico do Cosme Velho

No romance *Machado*, Silvano Santiago presta homenagem ao mestre, narrando as relações de amizade do escritor e se misturando como personagem à história

Havia entre eles
uma comunhão de
almas, um
profundo
entendimento que
os ligou até que a
morte do mestre
os separasse.
A literatura os
aproximou como
amigos e
correspondentes,
e o espírito os uniu
numa comunhão
de pai e filho

VERA LÚCIA GUIMARÃES*

Silvano Santiago é um prestidigitador. Sempre foi. Quando escreveu *Em liberdade*, levou o leitor a acompanhar os passos de Graciliano Ramos pelas ruas do Rio de Janeiro em suas caminhadas e cachacinhas, como se estivesse ao lado de um amigo de carne e osso. Agora, ele faz o mesmo leitor ver outro homem magro, todo de preto, sinal de um grande sentimento de luto pela mulher, a adorada Carolina, companheira de uma vida. Lá vem ele. Pela estreita Rua Gonçalves Dias, no Centro do Rio, um pouco cambaleante, sinal evidente de que não está bem.

Dois amigos param a conversa para observá-lo. Um é Carlos de Laet, que anda em direção ao mestre e o apoia como um poste e o leva à farmácia do Rangel, conhecido do mestre, que o socorre em mais uma crise epiléptica. Silvano nos deu esse presente chamado simplesmente *Machado*. Não precisava mesmo acrescentar nenhuma palavra, nem o de Assis do seu sobrenome. Todos sabem quem é “Machado”, o gran-

de, o genial, o mestre da literatura brasileira e “mestre de todos nós”. É universal. Como um mágico, Silvano descortina as cenas de um tempo perdido, levando o leitor a mergulhar na história e acompanhar as personagens. Carlos de Laet nos leva a Minas, onde se encantou pelo Barroco com Olavo Bilac. E nos encanta com suas leituras e revelações sobre Flaubert.

Que também sofria do grande mal, a epilepsia. Laet fica desolado com a morte do mestre Machado, aquele que ele nunca será, o inimitável. E hoje, de posse dos cinco volumes da correspondência de Machado de 1905 a 1908, publicados pela Academia Brasileira de Letras, Silvano aperta-os contra o peito como se quisesse guardá-los no fundo do coração, tornando as preciosas cartas parte de si mesmo.

Assim, está amalgamado a elas, são um só: Machado/Santiago ou Santiago/Machado o narrador duplo, pois Santiago virou personagem. Agora, sim, “eu era tu”. E Santiago recebe o bastão do mestre no dia 29 de setembro, dia para ser lembrado, pois um se foi (Machado, em 1908) e o outro chegou (Santiago, em 1936).

Chegou para narrar, para fazer suas as

palavras daquele que tanto admira. E no vaivém da narração, com as digressões impostas pelo seu estilo caudaloso, vai mostrando a transformação da cidade imperial em Cidade Maravilhosa.

No “bota-abaxio” do prefeito Pereira Passos, o Rio monárquico dos barões se metamorfoseia no Rio republicano dos novos-ricos, ávidos por luxo e conforto. Sinal dos novos tempos, que mistura de riqueza e pobreza e insegurança com furtos e roubos ameaçando a população.

Assim, vamos passeando pelo novo Rio de Janeiro do doutor Miguel Couto, médico de dona Carolina, e agora de Machado, doutor que curiosamente viu na epilepsia a doença da imitação: o doente é um mímico que repete, sem querer, o amedrontador espetáculo que viu numa convulsão epiléptica. É a doença que vem de fora. Mais uma vez, o inferno são os outros...

Mas a relação mais emocionante é a do mestre Machado com Mário de Alencar, esse sortudo que teve dois pais, ambos grandes: o biológico, José de Alencar, e o espiritual, o próprio Machado, com quem tinha muitas afinidades, até a pior delas, a epilepsia. Havia entre eles uma comunhão

de almas, um profundo entendimento que os ligou até que a morte do mestre os separasse. A literatura os aproximou como amigos e correspondentes, e o espírito os uniu numa comunhão de pai e filho. E Machado, que escolheu e ocupou a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, ele mesmo fundador, cadeira de José de Alencar, nos deixa a pensar que nessa escolha ele quis, inconscientemente talvez, ocupar o lugar de José de Alencar como o grande romancista, o criador do romance brasileiro, e o lugar do pai no coração de Mário.

E, no décimo e último capítulo, o mágico Santiago tira da manga o quadro *Transfiguração*, de Rafael, que abre o livro, e emociona o leitor: dá show com a análise profunda e sensível da estampa que chega às mãos do mímico do Cosme Velho, no chalé (alugado) onde vive entre livros de Flaubert e Stendhal, autores de sua admiração. E nenhuma palavra a mais, para não estragar a surpresa, pois, como disse Machado, “há coisas que melhor se dizem calando...” É chegada a hora de ir ao livro. Fica o convite. Melhor, a recomendação. Machado já nasceu clássico.

*Vera Lúcia Guimarães é professora de literatura.